

## ASPECTOS TRADICIONAIS DE UNIDADES FRASEOLÓGICAS

**René G. Strehler**  
Universidade de Brasília

|   | Qualidade comunicativa   | Organização textual   | Adequação lexical  | Adequação gramatical   |
|---|--|---|--|--|
| 4 | - apresenta clareza no propósito, argumentando adequadamente;                            | - apresenta organização textual de acordo com o gênero proposto;              | - apresenta vocabulário adequado, mesmo com pequenos lapsos;<br>- não apresenta interferência linguística da L1;                               | - apresenta erros gramaticais ocasionais;<br>- usa estruturas sintáticas mais complexas;<br>- usa marcadores coesivos adequadamente;                       |
| 3 | - apresenta clareza no propósito, porém não argumenta;                                   | - apresenta organização textual parcialmente de acordo com o gênero proposto; | - apresenta vocabulário adequado, mesmo com pequenos lapsos;<br>- apresenta interferência linguística da L1, mas sem prejudicar a compreensão; | - apresenta erros gramaticais ocasionais;<br>- usa estruturas sintáticas mais simples;   |
| 2 | - não apresenta clareza no propósito, mas lista algumas informações advindas da leitura; | - não apresenta organização textual de acordo com o gênero proposto;          | - apresenta vocabulário inadequado;<br>- apresenta interferência linguística da L1 que prejudica a compreensão;                                | - apresenta erros gramaticais recorrentes;<br>- usa estruturas sintáticas da L1;<br>- usa marcadores coesivos da L1 que apresentam certa semelhança na L2; |
| 1 | - não apresenta um propósito, somente lista algumas informações;                         | - não apresenta qualquer organização textual;                                 | - produz em L1;  | - apresenta muitos erros gramaticais;<br>- não usa marcadores coesivos da L2 nem L1;   |

A observação da língua permite constatar que os falantes servem-se não só de unidades lexicais para constituir o discurso, mas também de combinações de palavras mais ou menos fixas. Chamamos essas combinações de unidades fraseológicas (UFs, UF no singular). Uma característica essencial dessas UFs é a de que o falante as percebe como unidades de significação, mesmo que ele note a presença de várias unidades lexicais. Outra característica se refere ao seu uso. Um falante que recorre a uma UF escolhe exprimir-se de maneira mais motivada do que quando escolhe apenas unidades lexicais livres. O presente trabalho visa apresentar aspectos tradicionais entre português e francês em relação às UFs.

Isto é um problema, porque as UFs são conhecidas de maneira bastante desigual pelos falantes de uma língua dada. Assim, o falante nativo pode confrontar-se com a mesma dificuldade que um tradutor: identificar e interpretar como UF uma constelação de unidades lexicais. Além disso, as UFs não têm uma estrutura tão fixa como aquela das unidades lexicais. Partindo da unidade lexical quinta-coluna, o leitor observa que o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* trata apenas da acepção histórica, isto é, /pessoa ou classe

### 0. Problemática

Quanto à distinção saussuriana de língua e fala, as UFs são elementos interessantes para ilustrar a interação entre essas duas instâncias. De fato, admitimos que as UFs aparecem num primeiro estágio na fala, como produção individual, antes de ser consa-

subversiva/. Já o *Michaelis*, moderno dicionário da *língua portuguesa*, (doravante *Michaelis*) menciona as duas UFs seguintes, que podem também ser interpretadas como variantes:

Fazer de quinta-coluna  
Banca o quinta-coluna.

Segundo este dicionário, estas expressões significam /atrapalhar um negócio, pôr obstáculos, trair segredos ou confidências/. Esta definição mostra que o signo *quinta-coluna* evoluiu diferentemente em português e em francês. *Cinquième colonne* é, como em português, um empréstimo do espanhol. Segundo o dicionário *Le Petit Robert*, existe apenas o sentido /os serviços secretos de espionagem inimiga num território/. Por conseguinte, um francês não pode traduzir *banca o quinta-coluna* por *\*jouer à la cinquième colonne* ou *\*faire un coup à la cinquième colonne*. Assim a tradução não deve considerar só os elementos constituintes da UF, mas, e antes de tudo, o significado. Admitamos que, na UF em questão, o sentido atualizado é /suscitar dificuldades, obstáculos/. Partindo desse sentido, o tradutor pode encontrar uma UF equivalente em francês. Uma solução possível em francês é *mettre des bâtons dans les roues*. Em certos casos considerações pragmáticas podem invalidar a escolha de uma UF equivalente, como: *avaler son extrait de naissance* não tem igual valor que *entregar a alma a Deus*, apesar de elas comparilharem o mesmo significado (/morrer/). Quanto à equivalência de UFs entre duas línguas, observam-se as seguintes possibilidades: (1) Ausência de equivalência,

empregar o termo *ascite*. A segunda opção a metáfora familiar *panos quentes* ao substantivo não marcado *palliatif*. Em ambos os casos a tradução francesa satisfaz a nível semântico, mas comporta uma discordância estilística. Segundo a natureza linguística do texto a ser traduzido, essa discordância deve ser compensada no contexto. A UF verbal *dormir fora*, para ser traduzida de maneira adequada, exige também uma análise do contexto e do contexto. De fato, *découcher* tem o mesmo significado que *dormir fora*, mas emprega-se essencialmente num contexto erótico, portanto a análise textual pode impor uma perífrase como *passer la nuit hors de chez soi*.

Em outros casos a ausência de UFs equivalentes explica-se por uma estratificação cultural diferente nas duas comunidades linguísticas. Assim as UFs *abrir os caminhos* (*Folic*: no catimbó, no toré e na pojeleção significa favorecer a comunicação dos fiéis com o sobrenatural); e a oportunidade para os "mestres", "encantados" e "caboclos" se comunicarem com os homens (*Michaelis*)<sup>1</sup>, *cavalo de santo* (Indivíduo que auxilia nas incorporações dos orixás ou entidades afins, quando estes descem à Terra [Aurélio]) e *fechar o corpo* (Tomá-lo, supostamente, invulnerável a facadas, tiros e mordidas de cobra, mediante orações e feitiçarias [Aurélio]) se referem a práticas religiosas pouco familiares aos europeus.

A economia rural deixou também UFs na língua portuguesa que correspondem a conceitualizações compreensíveis em francês, mas nesta

língua não existem UFs equivalentes: *abrir o rodeio* (Deixar ir saindo o gado à vontade, após os serviços do rodeio [Michaelis]), *de fogo morto* (Engenho que não fabrica mais açúcar [Aurélio]) e *ficar no casco da situação* (Perder, o fazendeiro, todo o gado [Aurélio]) são três exemplos dessa situação. Peculiaridades culturais e históricas podem assim deixar traços na língua. A motivação que fez uma expressão constituir-se em UF pode não ser mais perceptível pelo falante contemporâneo. UFs como *preto de alma branca* ou *fer raça* figuram ainda em dicionários, mas são pouco conhecidos e até têm uma conotação racista. O caso de *cabelo ruim e cabelo bom* é interessante porque é um exemplo que ilustra como a língua pode consagrar em cliché um antagonismo social. Em todos esses casos o francês não dispõe de UFs equivalentes e a tradução pelo meio de perífrases pode ser delicada porque a conotação cultural pode desaparecer na língua alvo.

Além dos conhecimentos linguísticos, observamos que em todos esses casos o tradutor precisa de boas noções das civilizações implicadas. De fato, mesmo que a França e o Brasil não tenham civilizações materiais radicalmente divergentes, existem fatos mais relevantes para aqueles ou para estes, existem preconceitos ou clichés vigentes numa comunidade, mas não na outra. Preto de alma branca pode parecer estranho a um francês; mas, que diga um brasileiro de boire como um Polonais (trad. lit.: beber como um polonês)?

<sup>1</sup> As aspas são do dicionário.

## 2. Equivalência formal sem equivalência semântica

Línguas romanas como o português ou o francês contêm bastante unidades parecidas por causa da filiação comum. Na área da tradução fala-se de falsos amigos quando unidades lexicais de duas línguas apresentam semelhança formal sem compartilhar o mesmo sentido. *Portanto* (conclusiva) e *pourtant* (adversativa) são um exemplo para as línguas portuguesa e francesa. Observa-se que a problemática é a mesma que aparece no estudo de parônimos de uma única língua: a semelhança de formas não garante uma semelhança de sentido. Em relação aos falsos amigos entre UFs portuguesas e francesas, cabe mencionar que a semelhança formal não pode ser interpretada de maneira muito estreita, já que as duas línguas apresentam divergências estruturais, por exemplo, na determinação.

Partindo de UFs portuguesas, existem duas possibilidades para chegar a UFs francesas com analogia formal sem equivalência semântica. Primeiramente, é frequente o caso de UFs portuguesas polissêmicas que deixam-se relacionar com UFs francesas de forma parecida, mas contendo uma única acepção presente em português. Nos exemplos ao lado há sempre uma acepção válida para o português e para o francês e outra que não se deixa relacionar com a UF francesa.

Em todos esses exemplos existe em português uma primeira acepção que autoriza a associação com a UF francesa, enquanto a acepção (b) a invalida. Mesmo na ausência de documentação diacrônica confiável, tem-se duas hipóteses para explicar a

Bancar avestruz  $\rightarrow$  faire l'autruche

(a) /não querer  
ver ou con- siderar o lado desagradável/  $\rightarrow$  (a) /não querer ver ou consi- derar o lado desa- gradável/

(b) /Ingerir be- bidas alcoóli- cas/  $\rightarrow$

Cheio que nem um ovo  $\rightarrow$  plein comme un œuf

(a) /muito cheio; reple- to/  $\rightarrow$  /muito cheio; repleto/

(b) /muito rico/  $\rightarrow$

Pôr em xeque  $\rightarrow$  mettre en échec

(a) /ameaçar, o- por-se a al- guém/algo/  $\rightarrow$  /ameaçar, o- por-se a al- guém/algo/

(b) /colocar em dúvida o valor de/  $\rightarrow$

existência de equivalências formais e semânticas. Em casos como *cheio* que nem um ovo/*plein* comme un œuf é possível que o conhecimento da realidade extralingüística tenha gerado, em português como em francês, a mesma imagem a partir dos mesmos constituintes lexicais. A outra hipótese é que as duas UFs têm uma origem comum. É o que se observa com pares de UFs como *pôr* em xeque/*mettre* en échec, tempo de vacas gordas (*magras*)/*temps* de vaches grasses (*maigres*) ou *passar* o Rubicão/*passer* le Rubicon. O jogo de xadrez foi

introduzido no ocidente por intermédio dos Árabes; já o segundo par é um empréstimo ao Velho Testamento e o último refere-se a uma anedota da vida de Júlio César. Sincronicamente, independente da razão invocada, a existência de pares de UFs portuguesas e francesas não é significativa para as duas línguas em si, já que o funcionamento das UFs de uma língua depende apenas dela e não do fato de que uma ocorrência dada é atestada igualmente em outras línguas. Em relação aos exemplos acima mencionados, é o funcionamento independente das UFs que faz com que não há razão para que a aparição de uma acepção suplementar em português se reflita em francês. Mas para o tradutor, a associação positiva de forma/sentido entre português e francês pode ser enganosa, se ele esquecer que as outras acepções de uma forma dada não correspondem obrigatoriamente à forma parecida na sua língua.

Dar com a ca- beça pelas pa- redes  $\neq$  donner de la tête contre un mur

a) /estar deses- perado, louco/  $\neq$  /tentar algo que não tem solu- ção/

b) /estar fora de si/  $\neq$  donner de la soupe

a) /oferecer facilidade de ser roubado ou ser enganado/  $\neq$  /pegar a van- tagem/

b) /mostrar-se (a pessoa) fácil a ser conquistada/  $\neq$  ser conquistado/

c) /existir em abundância/  $\neq$

A segunda possibilidade de chegar a UFs francesas com analogia formal diz respeito a UFs portuguesas monossêmicas ou polissêmicas em que não há parentesco semântico:

Nesses exemplos nenhuma das acepções portuguesas pode ser relacionada com as UFs francesas. De fato, a semelhança entre as UFs vem do fato de que as duas línguas construíram expressões divergentes a partir de unidades lexicais comparáveis. A interpretação literal das UFs pode suscitar a impressão de que haveria parentesco entre as UFs portuguesa e francesa. Isso constitui uma fonte de erros, sobretudo em relação a UFs como *dar sopa* que permitem facilmente uma leitura literal. Já em ocorrências como *dar com a cabeça contra a parede*, é mais difícil imaginar um contexto que permite uma atualização literal.

Para o tradutor, não é pertinente saber se os pares de UFs citados são o fruto de um parentesco qualquer, mas é necessário saber que unidades lexicais de origem comum podem servir a construções de UFs divergentes em línguas distintas.

## 3. Equivalência semântica sem equivalência formal

Às vezes uma UF portuguesa não pode se relacionar com uma UF francesa formalmente parecida; seja dito de passagem, é a possibilidade de equivalência mais observada nas línguas estudadas. A busca de UFs equivalentes pode seguir diferentes referências (locações prepositivas e conjuntivas) a busca de equivalentes

funcionais ajuda em geral a encontrar um equivalente aceitável. Aliás, tratando as locuções prepositivas e conjuntivas, os dicionários procedem de maneira parecida. Em vez de defini-las, eles propõem equivalentes: *por amor de* corresponde a *por causa de*, *a rabo de* funciona como *atrás de* e *logo* que como *assim* que ou *quando*. A perspectiva bilingüe mostra que o francês *à cause de* funciona como *por causa de*, e que essa equivalência autoriza traduzir *por amor de* igualmente por *à cause de*. Já a relação inversa não é obrigatoriamente aceitável. *A cause de* traduz-se vantajosamente por *por causa de* e não por *por amor de*.

Quando uma UF auto-referencial portuguesa não pode ser relacionada com um equivalente formal francês, compartilhando o mesmo significado, existe a possibilidade de buscar equivalentes contendo, ao menos, certas unidades lexicais, estruturas formais ou metáforas parecidas. Assim, a unidade lexical *passo/pas* entra em várias UFs portuguesas e francesas bastante parecidas:

A *passo e passo* = *à pas* /lentamente/ *complés*,  
 A *passos largos* = *à pas de gé-* /rapidamente/ *ant*,  
 A *passos lentos* / = *à petits pas*.  
 lentamente/

Em outras ocorrências, as estruturas parecidas divergem só em relação a uma unidade lexical:

Abriu a alma / *ouvrir son cœur*,  
 expandir seus sentimentos/

Untar as mãos / *graisser la patte*.  
 subornar/

O segundo exemplo mostra que a realidade extralingüística, "untar algo para que funcione melhor", pode inspirar metáforas parecidas. A UF francesa se distingue da UF portuguesa apenas por uma metonímia suplementar. Em vez da mão, o francês unta a pata. Frequentemente a tradução literal dessas UFs resulta num enunciado compreensível, embora estranhe o falante nativo pela não correspondência a uma forma esperada: \**untar a pata* ou \**graisser les mains*.

Em outros casos a semelhança situa-se já a um nível conceitual mais abstrato:

Enfite a cruz e a = *entre deux caldeirinha* / *chaises*,  
 num dilema/

Matar dois = *faire d'une coelhos de pierre deux coups*  
 uma caçada/  
 obter dois resultados com um só trabalho/

Nem à mão de = *même pas*  
 Deus Padre / *pour un empire*,  
 nem com a maior insistência/

Ensinar o pa- = *montrer à son dre-nosso ao père comment faire*  
 vigário /acon- selhar alguém  
 selhar alguém  
 mais experi-  
 mentado ou  
 mais compe-  
 tente/

No exemplo acima estudado, as duas línguas usam a mesma idéia de base ("encontrar-se ou escolher entre dois objetos") para exprimir /num dilema/. Enquanto os "objetos" do português revestem um caráter sacro, o francês consagrou objetos triviais.

No par nem à mão de Deus Padre/ *même pas pour un empire*, observa-se que as duas línguas procedem de maneira parecida. Ambas UFs negam algo. Esse algo corresponde a uma entidade muito valorizada. Em português a idéia de base é que "nem Deus consegue mudar a atitude de alguém", já em francês é "nem a obtenção de um império pode fazer com que alguém mude". Nesses exemplos, os bons equivalentes não foram encontrados a partir dos elementos constituintes, mas das idéias de base que servem para exprimir o significado. Se não fosse assim, poder-se-ia criticar a associação de UFs contendo unidades lexicais que evocam um universo religioso com outras unidades que por sua vez evocam um universo leigo. As expressões ensinar o padre-nosso ao vigário e *montrer à son père comment faire des enfants* são bons equivalentes justamente porque compartilham a mesma idéia de base, que é "o menos experiente quer ensinar alguém mais experiente". Fora de um contexto de atualização particular, equivalentes assim obtidos são satisfatórios, já que nem sempre é possível manter esse tipo de semelhança.

Quando não é possível encontrar semelhanças nas idéias de base, nas metáforas ou nas unidades lexicais empregadas, a única ponte possível entre UFs de dois idiomas é o

significado. Os constituintes lexicais das UFs portuguesas a seguir não permitem encontrar equivalentes em francês. As UFs francesas associadas foram encontradas considerando-se apenas o significado.

Ficar a pão e a = *être dans*  
 banana /ficar na *la moise*,  
 miséria/

Guardar à vista = *serrier la*  
 /vigiar de *visse* (à qqn.)  
 perto/

Papar mosca / = *n'y voir*  
 não perceber, *que du bleu*  
 não compre-  
 ender algo [gr.]/

As associações aqui apresentadas não são exclusivas, já que, segundo a temática, existem bastantes UFs sinônimas. Para o tema /estar na miséria/ poderiam ser encontradas facilmente uma dezena de UFs sinônimas portuguesas ou francesas (andar na onça, estar na dependura, lamber embira...; *manger de la vache enragée*, *crever la dalle*...). O exemplo de *papar mosca* mostra que UFs são frequentemente polissêmicas. Aliás, a acepção /nada fazer/ dessa UF é mais conhecida na comunidade lingüística que aquela do exemplo citado (/não perceber, não compreender algo/). Quem deseja traduzir uma UF por uma outra UF na língua alvo encontra então a problemática seguinte: se não conhece uma UF equivalente, está diante de um problema de documentação, já que a grande maioria de obras de consulta permitem

apenas a busca a partir da forma e não a partir do sentido.

#### 4. Equivalência formal e semântica

Baseado nas observações precedentes, torna-se evidente que UFs portuguesas e francesas de formas comparáveis possam compartilhar o mesmo significado e as mesmas condições de atualização. UFs herdadas do latim, da Bíblia ou de episódios históricos podem evoluir diferentemente em francês e em português, mas elas podem também guardar o mesmo significado. Além disso, UFs de significado idêntico e de formas parecidas podem igualmente ser o fruto do acaso. A perspectiva sincrônica aqui adotada não permite distinguir os diferentes casos. A lista a seguir dá exemplos de locuções preposicionais e locuções conjuntivas.

A *coberto* = à *couvert* de  
de (livre de) (à l'abri de),

A *menos* = à *moins* que  
que (salvo) (sauf si),  
se)

A *montante* de = *en amont* de  
(a parte supe- (au-dessus de tel  
rior de um rio, point d'un cours  
a partir de um d'eau),  
determinado ponto)

Quanto a (a = *quant* à (en  
respeito de) ce qui concerne).

Equivalências desse tipo constituem uma facilidade para o aprendiz, assim como para o tradutor. No entanto, a

prudência se impõe, visto que o sistema da determinação não é o mesmo nas duas línguas (A *montante* de – *en amont* de; à [prep. + art.] *falta* de – à [prep.] *défait* de).

Os pares seguintes mostram que entre as UFs auto-referenciais existem também pares com um alto grau de similitude.

Aos *quatro* = *aux quatre*  
*ventos* (para *vents* (de tous  
todos os *côtés*),  
lados)

Fazer *diligên-* = *faire dili-*  
*cia* (esforçar- *gence* (se  
se para fazer *dépêcher*),  
alguma coisa)

Matar o *tempo* = *tuer le temps*  
(empregá-lo (se livrer à certaines  
em ocupações occupations pour se  
que servem distraire)

tão-só para  
evitar o tédio e  
a inação)

Estes, apesar do alto grau de  
similitude formal, contêm algumas  
diferenças:

*Cuspir* Ø *in-* = *cracher des*  
*júrias* (injuriar) *injures* (proferir des  
injures),

*Levantar* Ø = *lever l'ancre*  
*âncora* (partir) (partir, s'en aller),

*Passar em si-* = *passer sous*  
*lência* (omitir *silence* (ne pas  
no discurso parler délibérément  
ou na escrita) de qqch.),

Ter a *mão* = *avoir les*  
*furada* [sing.] *mains* *trouvés*  
(ser pródigo, [plur.] (être dé-  
esbanjador) pensier).

As diferenças observadas dizem respeito a divergências estruturais que podem ser notadas também em enunciados franceses e portugueses de formação livre, ou seja, determinação divergente e emprego divergente do singular e do plural. Esse fato se explica porque, a um nível morfossintático, a grande maioria das UFs, em francês como em português, têm o mesmo comportamento que os enunciados livres.

#### 5. Considerações finais

Os diferentes equivalentes entre UFs portuguesas e UFs francesas foram obtidos por meio de um procedimento analítico que não está ao alcance de um iniciante. De fato, a tradução de UFs – ou a busca de UFs equivalentes – implica conhecimentos semânticos e conhecimentos do sistema formal da língua fonte e da língua alvo. São esses parâmetros que permitem tratar os tipos de equivalência acima apresentados. É necessário que o tradutor, diante de cada construção, observe se ela forma uma UF. Esse procedimento implica conhecimentos semânticos na língua fonte, e o fato de encontrar uma UF equivalente em língua alvo implica o mesmo conhecimento nessa última língua. Na ausência ou na ignorância de UFs equivalentes, recorre-se a mecanismos de tradução mais tradicionais, nos quais o conhecimento dos dois sistemas formais prevalece. Esse conhecimento permite evitar erros ligados a diferenças entre dois sistemas,

tal como *lever l'ancre* \*levantar a âncora (em vez de levantar âncora); já os conhecimentos semânticos permitem evitar traduções do tipo *macaco velho* \*vieux macaque (em vez de vieux singe) ou *longue de vipère* língua de víbora (em vez de língua de cobra).

Em resumo, apresentamos as seguintes possibilidades traducionais para UFs: a) uma UF numa língua pode ser associada a outra UF noutra língua; b) uma UF numa língua não pode ser associada a outra UF noutra língua; c) uma formação livre numa língua pode ser associada a uma UF noutra língua. Diante dessas circunstâncias, um bom conhecimento das UFs permite obter um maior conhecimento das línguas e subseqüentemente, melhores traduções.

#### 6. Referências bibliográficas

- BURGER H (1998) *Phraseologie. Eine Einführung am Beispiel des Deutschen*. Erich Schmidt Verlag, Berlin.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. (1986) *Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2ª edição, Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
- GROSS G. (1996) *Les expressions figées en français*. Ophrys, Paris.
- NASCENTES A. (1987) *Tesouro da fraseologia brasileira*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
- REY-DEBOVE J. & Rey A. sous la direction de (1997) *Le cédérom du Petit Robert*. [développement informatique : Bureau vanDijk, Bruxelles] Dictionnaires LE ROBERT, Paris.

- STREHLER R. (2001) «Unités phraséologiques en portugais: problèmes de délimitation», in *Travaux du LILLA*. Université de Nice-Sophia Antipolis, Nice.
- STREHLER R. (1999) «Constitution d'un corpus d'unités phraséologiques portugaises», in *JILA'99, Journées internationales de linguistique appliquée*. 24-25 juin, Université de Nice-Sophia Antipolis, Nice.
- TAGNIN S. O. (1989) *Expressões idiomáticas e convencionais*. Editora ática, Col. Princípios, São Paulo.
- WEISZFLOG W. (editor) (1998) *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Melhoramentos, São Paulo.
- XATARA C. & OLIVEIRA W. L. (2002) *Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavras*. Cultura Editores Associados, São Paulo.
- ZINGLÉ H. & STREHLER R. (1999) "Análise Sintático-Semântica em Tradução no Ambiente da ZStation", in *Actas do PROPOR'99, IV encontro para o processamento computacional da língua portuguesa*, Universidade de Évora.

## TRADUZIR FRASES ISOLADAS NA AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: POR QUE NÃO?

Herbert Andreas Welker  
Universidade de Brasília

**Resumo:** Nos últimos anos, tem-se defendido a reintrodução da tradução no ensino de línguas estrangeiras. Geralmente, propõe-se a utilização de textos cujo contexto seja conhecido e que sejam autênticos. Aqui argumenta-se que, nos níveis iniciais do ensino, faz sentido também a tradução de frases isoladas e de textos não autênticos.

**Palavras-chave:** ensino de línguas estrangeiras; tradução; competência comunicativa.

**Abstract:** In recent years various authors have defended the reintroduction of translation into foreign language teaching. Generally they propose the use of texts whose context is known and which are authentic. In this article I argue that in the initial stages it makes sense to have the learners translate isolated sentences and non-authentic texts.

**Key-words:** foreign language teaching; translation; communicative competence

Apesar do predomínio de métodos que preconizam a exclusão da língua materna (LM), vários autores têm se pronunciado nas últimas décadas a

favor do uso da tradução na aula de língua estrangeira (LE). Tendo em vista que existem trabalhos relativamente recentes dedicados especialmente a esse assunto – defendendo a tradução (Lavault 1998, Ridd 2000<sup>1</sup>, Checchia 2002, Cervo 2003) – não vou repetir toda a discussão, mas afirmar apenas que, na sua maioria, os argumentos apresentados são irrefutáveis. Somente não concordo com os autores citados em alguns pontos – os quais discutirei a seguir.

### 1. Considerações preliminares

#### 1.1 Algumas distinções

Em qualquer estudo sobre o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, deveriam ser feitas, no mínimo, as seguintes distinções: a) ensino/aprendizagem de língua estrangeira (LE) - ensino/aprendizagem de segunda língua (L2)<sup>2</sup>; b) níveis iniciais - níveis avançados; c) crianças - adultos. Deve-

<sup>1</sup> O artigo de Ridd é uma versão modificada de um trabalho redigido em 1996 (inédito).

<sup>2</sup> Cf. o subcapítulo 1.3 – "Aquisição de L2 X Aprendizagem de LE" – em Checchia (op. cit.: 15-19) e a discussão sobre livros de ensino "regionais" em Welker (1988). Cf. Ridd